

AVA AMASIYE

órfãos

Paulo Teia, sj

Autor

Paulo Teia, sj

Design e paginação

Francisca Cardoso Girão

Impressão e acabamentos

Lusoimpress – Artes Gráficas, S.A.

Depósito Legal nº

480652/21

ISBN

978-989-54704-4-0

Março de 2021

Com todas as licenças necessárias

© Frente e Verso

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA

Tel.: 253 689 440

www.frenteeverso.pt

livros@snao.pt

Índice

Prefácio	5
Introdução	7
Ana Amasiye (Órfãos)	11
Parte 1 Da Misericórdia	15
Parte 2 Dos Elementos	39
Água	41
Terra	47
Fogo	53
Ar	59
Parte 3 Dos Afetos	65

Dedico este livro às minhas irmãs Leonor e Sandra e ao meu irmão Luís. Aos meus sobrinhos Tomás, João, David e Sarita. Ao meu cunhado Vergílio.

À memória de

Filipe Abranches de Lopes Figueiredo – meu irmão na Fé e no amor aos mais pobres.

Irmão Narciso Mariano Belo, sj – jovem jesuíta Moçambicano muito dedicado aos jovens.

Anita e sua filha – jovem órfã de Tete que morreu um dia depois da sua filhinha.

Ésta – menina que veio para Tete trabalhar, morreu em sua casa, de malária.

Sr. Arnaldo – sem-abrigo da Comunidade de São João Batista, em Tete.

Maria Zacarias – criança órfã do projeto “Sementes do Amanhã”, na Angónia.

Pe. Piazza, sj – companheiro jesuíta italiano, apaixonado por Moçambique.

Prefácio

Nasci em África, mas perdi África aos três anos. Ficaram-me traços na pele e no sentir que nem sabia. Mas reconheço-os nos cheiros que adivinho, nos paladares das Muambas e do funge, nas músicas de tambores batidos, no vermelho duro de horizontes; algo ficou das noites uterinas de nove longos meses. Não voltei lá e era órfã do continente até que veio a mim pela lente milagrosa do meu filho pai. Nas conversas de matar saudades de mãe, nasciam-me no computador, aos solavancos, os Álbuns de fotos, África e Deus chegando-me às fatias. Conhecia-lhe o jeito das imagens, apaixonada pelos seus dedos compridos enrolados na objetiva a arrancar sonhos e verdades. Sabia-o mestre na arte de captar a vida e o viver das gentes em Portugal, Açores e terras da Índia. Faltava o negrume das terras onde fui gerada e que ele abraçou como missão. Amiúde, surgiam, nas conversas, testemunhos vivos das gentes de lá embrulhados em vivências que ia descrevendo. E comecei a deixar que as fotos me trouxessem o calor e as chuvas, as pessoas enraizadas, os costumes e os medos, a morte e a vida. Senti as tremuras da malária na criança moribunda, as angústias dos mais fracos em forma de mulher e da sua condição, o choro das crianças sem pais e dos pais sem crianças, os conflitos sociais, o emprego prematuro, a ausência de infância. E porque além de meu filho é filho de Deus, trouxe-mo também, a esse Deus africano, em cada olhar, em cada inocên-

cia de corpos e almas lavados nas águas barrentas dos rios, onde habitam jacarés e mulheres de roupa parca nas pedras que afloram. A nudez dos costumes, ingênua nos seios a descoberto, nos bebês pendurados no dorso curvado, o chocolate nas cores dos músculos sem gordura dos alimentos escassos. Trouxe pela mão os órfãos das terras altas, lapidados no rigor das montanhas, os sem-abrigo à força, delapidados de casa e haveres pelo furacão sazonal, na Beira, os garotos de Tete, mercando amendoins que eu chamava de jinguba; lembro-me bem, quando pisava as mesmas terras que eles pisam agora. Menina protegida, descuidada de mimo, sem apreender a vida dos outros que comigo viviam. Lembro o menino que eu chamava de Ué e que tomava conta de mim e do meu irmão, criança como nós de responsabilidade gigante para o corpo que o continha. É de sempre, de ontem e de hoje, essa falha de permitir infância a uns e de a negar a outros. Como se fizesse parte de uma lei amarga e dura nascida das diferenças entre olhares e consciências gerados no Tempo.

Nasci em África e não a conhecia. Amo-a agora, nas imagens que o meu filho fez nascer e me emprestou. Fiquei rica, cresci, lancei âncora nas terras longínquas que me fizeram a alma. Este livro é, para mim, os trilhos poeirentos da minha meninice ao alcance de todos. E Deus a percorrê-los connosco!

Ana Teia

Introdução

Ao longo de cinco anos de presença em Moçambique como missionário, fui fotografando a riqueza da vida e do quotidiano de um povo que me acolheu de coração aberto. O presente livro não é, contudo, um retrato etnográfico das suas gentes nem um roteiro de lugares ou de atividades do seu dia a dia, sendo mais um poema visual sobre as emoções e os desafios humanos mais prementes que ali encontrei e experimentei.

A beleza dramática que o título anuncia, o da orfandade, acabou por ser a síntese de uma perceção existencial do que ali vivi. A estrutura do livro, dividida em três partes, procura abordar o mesmo assunto segundo diferentes pontos de vista.

A primeira parte, «Da Misericórdia», recolhe o filão fundamental que pode curar e sarar uma ausência, uma perda vital, a da fraternidade nos laços humanos. Urge reatar o sentido da dignidade do outro feito a partir da compaixão e do olhar misericordioso sobre a sua vida e realidade, restituir-lhe o lugar de «meu próximo». Por isso a prevalência dos rostos, espelhos da alma de todo um povo, e a singularidade da descrição de algumas experiências vividas em que se acentuam os contornos de uma ferida ainda fresca e acutilante.

A segunda parte do livro, «Dos Elementos», é um regresso às origens e à primazia do que fica e que é possibilidade de todo o mais. Os quatro elementos da natureza foram o itinerário a que recorri para falar do que vivi em Tete, Angónia e Beira. A sua riqueza desborda o dizível, faz ecoar a possibilidade de cada paisagem e das emoções por ele evocadas. O elemento «fogo» ganha particular importância por fazer referência às feridas incuradas, a essa dor insistente e persistente que inquieta o desejo de paz e de gozo que o horizonte continuamente oferece.

A terceira e última parte do livro, «Dos Afetos», é um único poema escrito a «duas mãos». Texto e fotografia revelam a intensidade do vivido e do esperado. São mais que um simples testemunho ou registo de memória, são memorial, um futuro denso e habitado, onde todos somos convidados a participar.

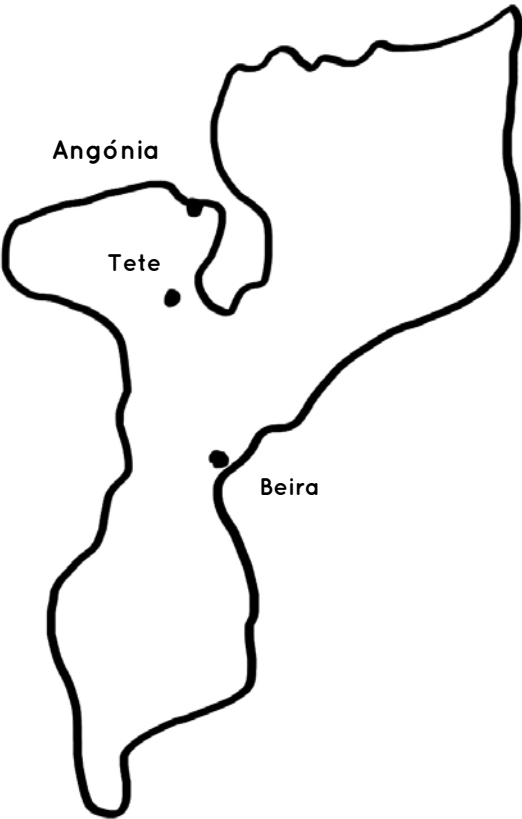
Ana Amasiye¹ é uma tentativa de verdade lançada aos sentidos e à razão de todo um povo, feito a partir da estranheza de um mzungo² que por ele se apaixonou. É assim meu desejo que a justiça se realize, que se faça à imagem e semelhança do reinar evangélico onde os últimos são os primeiros e o banquete é oferta generosa e gratuita de toda a Criação.

¹ «Órfãos» na língua chewa.

² Homem branco.



Mapa
Moçambique



Ana Amasiye

(Órfãos)

Quando decanto a vida do que foi África para mim não há desperdício nem engano. Sou órfão de um país de órfãos. Fomos arrancados a uma mãe comum, à constância e à fidelidade de uma pertença. Não somos de ninguém e ninguém nos perfilhou. E o sabor da manga e da banana maduras não são distintos do acidulado peso do fruto do embondeiro, despido malambe¹ de alma pendente. E se a memória é a de um princípio perdido, de um elo roto e vago, a intermitência de toda uma estação fica em densidade, quais gotas espessas de uma frágil humanidade. Fui um órfão humano, demasiado humano.

Tete

Em terras áridas de secura e sal seco, terras de pó e vento morno, conheci a cremalheira que une a margem do rio à silhueta do corpo dançante. Vi nas costas e nos dorsos das mães a água serpentina e o corpo aveludado do infante, bocas sedentas e estremunhadas em peitos pendentes. Vi o mergulho das capulanas, o chicote do sabão nos restos das calamidades², o atrito da areia nas lâminas redondas de metal e alumínio, panelas e colheres de todo um sorver.

Conheci essas praias onde as mulheres e os homens se fazem e refazem, onde a pequenada brinca a nudez do seu diamante. Vi a sombra, o medo da boca que o rio guarda, o receio de não chegar a casa e de desaparecer na vontade de um feiticeiro. E a humilde cor, que era a minha, era também órfã do castanho e da pele nua sem marcas nem sinais de retorno ou de proibição. Recordo esse rio onde passeava e me deleitava e que era bálsamo para a dor, o sofrimento, do que plantávamos e ceifávamos na cidade. Essa cidade onde a espera era feita de pequenos montícu-

los de tomates ou peixe seco, vendidos ao preço da fome. Onde a esteira era medida do descanso, onde os corpos nunca estavam sós, mas pertenciam ao irmão, à irmã, ao pai ou à avó moribunda. E se a vida era entrecortada, interrompida nesta letargia das horas e dos costumes, era porque o mau espírito, sempre doente e alcoolizado a visitava e a virava para fora. Essas crianças ardendo de febre no cochicho do recreio, de olhos suspensos no salto da corda ou no jogo do elástico. E quando o seu silêncio era grandiloquente deixavam-se morrer sozinhas até morrerem de vez. Quantas dessas vidas podiam hoje sorrir não fora a estúpida e cega ignorância dos que as viram sem ritmo de pressa.

Nas padieiras das portas e janelas fotografei a intensa beleza, a luz infinita nelas refletida, centelhas de estrelas perdidas, anãs brancas, gigantes vermelhas. E recordo as formas e os tons como recordo as estrias, as feridas, os umbigos salientes, as queimaduras amordaçadas por panos e unguentos. Capulanas feridas de algodão e de linho. E quando perguntava de quem éramos órfãos, sempre me respon-

¹ Fruto do embondeiro.

² Roupas em segunda mão trazida da Europa e vendida nos mercados locais.

diam que do sistema, da promessa adiada, de todos e de ninguém.

Recordo as mães, órfãs de seus maridos, do companheiro da semente deixada, dos filhos somados, das tarefas insubmissas. Recordo-as quando me pediam que as desposasse com um pequeno trabalho, um início de negócio, uma fatia da renda da casa ou um mês de eletricidade. E eu sempre as abraçava, fugidio, somando-as à minha impotência e ao meu despacho de as chorar, gesto tímido de um homem-padre, ausente, sem como... recordo uma delas em especial, a louca. Perdeu um dos gémeos, atropelado por um carro, recordo-a porque a vira com seus dois filhos, nos seus dois braços, rente aos seus dois seios despidos, numa enlameada tarde de intensa e triste chuva.

Depois, há outros órfãos, de território e de verdade, essas meninas trazidas para as vilas para cuidar, por falso cuidado. Traziam-nas ainda com terra nos pés, para as plantar de novo em vasos de falsa esperança de promessas incumpridas, sede e fome. Vi muitas destas pequenas escravas, ditas amas de criança, com corpos de criança com sonhos de criança com vontade de brincar. Vi-as sem escola e sem brilho no olhar, lavando, cozendo, quecando³ o bebé de seus senhores feudais. E havia algumas que se queixavam, pediam que as levassem ao médico, que as deixassem falar com os pais, que as deixassem dormir na esteira, e eram respondidas que tinham vindo para calar, para ser alguém, viver na cidade.

Recordo os meus órfãos que vendiam amendoins nas ruas solarengas, as suas silhuetas firmes e corajosas com que se faziam às chamas da tarde, os seus andares de maratona no regresso a casa, sempre entre medos e tremuras de não

lá chegarem. Recordo-as com as peneiras cheias e vazias, com as bananas e as mangas amontoadas, com o suor seco e com o rosto encharcado, recordo-as no repouso merecido de um pequeno lanche à sombra da certeza de nos querermos, Alex, Eda, Miloca, Isabel, Robina, Cila, Belucha, Manucha, Samila, Bernarda, Celestina...

E se a orfandade era o elo que unia tudo e todos, nunca havia espaço para o bem comum para o outro antes de mim. Vi o ódio a nascer e a inveja mesquinha entre irmãos e vizinhos, o não querer que alguém seja só porque eu também não sou. Vi os roubos e as piras de pneus ardendo, a justiça cega e o sorriso eufórico, diabólico, de quem também era culpado. O meu povo era assim órfão de si mesmo, órfãos uns dos outros, órfãos de todos e de ninguém. E se a vida se reproduz constantemente, se os batuques dos tambores nunca param, também os velórios e cortejos de mortos desaguavam continuamente no rio que não tem fim. Quantas mortes e quantas vidas arrancadas, reduzidas à insignificância, ao desprezo do capim cortado ou da palha arremessada ao vento. Custava-me ver esses cortejos engalanados de falsos carpires, uma multidão de órfãos sem guia lançando ares de piedade e de falsa condolência. E o morto, sem poder falar, jazia como morto, em revolta e protesto contra tão grande mentira.

E se o sofrimento era constante e silencioso, o que me valia era o sabor do tomate e da batata. A forma redonda dos astros e dos corpos, a subtil beleza dos músculos e dos dizeres. Recordo-os como tábua de salvação, como paliativo de tantos e tão intensos sintomas de morte. Recordo-os como o que fica nesta lembrança de amores de órfão.

³ Quecar: forma local de dizer embalar, carregar às costas o bebé.

Angónia

Se a cidade tinha luz e água, se a cidade tinha escola e cercania; no planalto da Angónia, no fim do mundo, nem isso havia. Por isso admirava-me ainda mais haver vida e promessa. Essas gentes são heróis, heroínas... resilientes de gema, como hoje gostamos de dizer. Resilientes à nossa ofensa e à nossa dívida. Recordo as despidas montanhas e o milho crescido, o vento cruzado de tantos destinos, recordo as chuvas abundantes, e a terra negra, a lama sufocante e os animais nascidos, recordo as suas gentes peregrinas, o tremer das crianças no frio das noites, o mosquiteiro roto e o fumo nas paredes de barro e pau a pique. Recordo as tardes de domingo ensolaradas, o álcool nas veias das gentes, o delírio com que se lançavam às suas falsas alegrias. E recordo a polifonia, as vozes dos anjos, os gestos doces e cuidados das bailarinas, a liturgia das tradições e dos antepassados, as máscaras ameaçadoras, o batuque eterno dos servidores do Gule⁴. E no horizonte do meu olhar semicerrado ficam as longas caminhadas para a escola com pés descalços, a água levada à cabeça entornada no caminho, a carreta alugada para levar o morto do hospital, os choros fatídicos à porta dos falsos curandeiros.

Cuidei de cem crianças órfãs na boca deste horizonte, vi-as, cada uma e cada qual, no seu pedaço de terra. Ouvi os gritos dos seus queixumes e o suplicar em dialeto por um pouco mais de tudo. Senti-as no palpitante dos seus sonhos e desejos escondidos, recolhi-as e salvei-as delas mesmo. Recordo como cantavam e como faziam eco ao vento na montanha, como corriam e saltavam no discreto abraço que desconheciam. Vi-as no lusco-fusco, à volta do fogo e dos

espíritos das labaredas, vi-as sonâmbulas, entornadas em água fervida, banho e chima⁵ de cada dia. E eu, que poderia mais fazer senão abandoná-las, abandoná-las uma vez mais porque eram órfãs e órfãs deveriam permanecer...

Beira

Finalmente conheci o que sobrou do ciclone IDAI, essas gentes da Beira a quem tanto me apeguei e fui dado. Entranharam-se-me pelas gretas dos meus afetos e sentires. Ficaram acampadas na minha vida enquanto reconstruía as suas casas e os seus sonhos. E vi-as todos os dias, de manhã à noite, de fora para dentro e de dentro para fora. Recordo-as nas suas rotinas de pequenas grandes coisas, de como fritavam as batatas-doce, de como enchiam as chamuças, de como debulhavam o arroz novo e o trocavam por farinha ou peixe seco. Vi-as nos caminhos, labirintos entre casas, nos pátios murados de chapas ferrugentas, vi-as famosas e desprezadas, indiferentes ao passado ou ao futuro. Vi-as belas e doentes, arrogantes e doces no pedir e tocar. Fizeram parte dos meus últimos tempos de África, lançaram-me no desespero de as perder, de as deixar. E se assim o senti, elas ainda mais, órfãs de um vento maldito que até o padre lhes tirou.

Deixei África onde estava, sem que nada acrescentasse ao caudal do Zambeze ou do Revubwe, deixei o monte Domué igual, sem que do granito algo trouxesse ou construísse, deixei o casario de Mascarenhas na Beira, sem que as chapas e os blocos fossem totalmente repostos... no fundo deixei-os, deixando-me a mim, entregando-me finalmente à minha santa e crua orfandade de ser perdido ou perda de um Deus totalmente dado.

⁴ GuleWamkulu (grande dança): é simultaneamente um culto secreto e uma dança ritual praticada pelo povo Chewa, uma tribo Bantu da África Central e Meridional.

⁵ Pasta espessa que resulta da cozedura da farinha de milho, base da alimentação em Moçambique.

